

Grupo Operativo e Ciência do Sentir

Pontos em comum

O que é grupo operativo?

O Grupo Operativo se assemelha muito ao grupo familiar, ou seja, um grupo de pessoas reunidas no mesmo espaço e tempo que assumem papéis diferentes, e tem uma tarefa a cumprir.

Papeis?

Sim. A escolha desses papéis é inconsciente, e os mais comuns são:

Bode Expiatório: Aquele que representa os aspectos negativos do grupo.

Porta-voz: Aquele que expõe os sentimentos, os pensamentos, as ansiedades inconscientes do grupo. Ele denuncia as necessidades do grupo.

Radar: É a antena do grupo. Ele capta os primeiros sinais de angústia e ansiedade do grupo.

Investigador: Conhecido como o “perturbador”. Ele faz intrigas e perturba o processo grupal.

Sabotador: Também é um perturbador. Este papel é de pessoas narcísicas e invejosas, que tem o intuito de prejudicar o processo terapêutico, seja ele, grupal ou individual.

Apaziguador: Aquele que não consegue lidar com situações tensas e agressivas. É o “gente, vamos ficar numa boa”, “pare com isso” .

Líder: O nome já diz tudo. Ele lidera.

Há quatro tipos:

- Autocrático: pessoa narcísica, rígida cujos seguidores são pessoas inseguras e dependentes.

- Democrático: O mais saudável, o equilíbrio. Onde as funções, os papéis e limites dos integrantes do grupo se encontram organizados.

- Demagógico: Um líder de falsas ideologias. O seu discurso não é compatível com a prática.

- Laissez-Faire: Onde há a ausência do “hold”. Um líder que não dá “continente” para as angústias e ansiedades do grupo.

Terapeuta: Que tem um papel e posição no grupo. Sua tarefa é identificar e trabalhar esses papéis no grupo.

Como disse as escolhas desses papéis são inconscientes, isso vai depender da tarefa grupal, onde o objetivo principal é a mudança.

O foco está no grupo, na identidade do grupo.

E como se dá esse processo de interação no grupo?

Através de vetores.

1. Afiliação e pertença: É a identificação dos membros do grupo, de maior ou menor grau, entre si e com a tarefa.
2. Cooperação: Como o nome diz é a capacidade de ajudar-se mutuamente. Fica explícita pela eficácia na execução da tarefa.
3. Pertinência: Capacidade de focar na tarefa explícita e implícita. Sua capacidade pode ser identificada a medida que o grupo rompe estereótipos, rompe lutos, redistribui papéis e vence resistências a mudanças.
4. Comunicação: se dá em 3 níveis segundo Zimmernam, David E. e Osório, Luiz Carlos em Como Trabalhamos em Grupo:
 - Nível Oral: Fase primitiva do grupo. Na qual o grupo é dependente do líder, é voraz, queixoso e com atitude de reprovação constante.
 - Nível anal: Fase mais evoluída onde há alternância dos ciclos de expulsão e retenção. Que seriam: de desavenças e reconciliações.
 - Nível genital: É a fase mais evoluída de todas. Predomina a capacidade de identificação e o desejo de proteger o outro da destruição, ou de reparação se o outro foi atacado.
5. Aprendizagem: tem 2 momentos:
 1. Pela soma de informações de cada integrante do grupo.
 2. Pelo desenvolvimento de condutas alternativas de comportamento diante do inesperado, rompendo com as formas arcaicas do mesmo.

Tarefa Grupal e Mudança como elas se relacionam?

Todo grupo tem uma tarefa a realizar que é a mudança de padrão, mudança de paradigma.

Essa mudança leva a uma desconstrução para uma reconstrução. Ou seja, através do trabalho operativo há a possibilidade de romper com certos estereótipos, esclarecer dificuldades individuais e identificar obstáculos que impedem o desenvolvimento do indivíduo.

Ou seja, o grupo é um agente de transformação.

Na Ciência do Sentir, o que é o sentir?

“O sentir é a experiência experienciada da vibração macromicro, um complexo vibracional, que também somos”.

O que isso quer dizer?

O mundo é indivisível, vibracional, um todo MACROMICRO.

Nós somos recortes deste todo.

Ora, se somos recortes deste todo, somos vibração e somos um todo também.

Dentro dos recortes somos capazes de nos realizar enquanto processo e pessoa. Essa realização nos dá condições humanas de experienciar, de sentir.

Não temos acesso direto ao complexo macromicro, mas temos acesso a ele pelo sentir, ou seja, pela interação e ressonância.

Através desta interação, que temos com o outro, que se dá o start.

Ou seja, todo corpo capaz de vibrar, possui uma frequência natural, que se encontra em outro corpo com a mesma frequência que a faz vibrar. Chamamos de ressonância.

É pela ressonância que se ativa os aspectos internos. Ou seja, nas relações administramos as tensões existentes com outra ressonância, que irá romper essas tensões.

Podemos concluir então, que se somos um ser vibracional, na relação com o outro cada um é único.

Isso quer dizer que a forma como sinto você é única, e ela se dá através da ressonância que experienciamos.

Não é uma troca porque “ninguém fica com o que é do outro, a gente só fica com o que é da gente”, é uma interação.

Mas qual é o ponto comum entre o Grupo Operativo e a Ciência do Sentir?

Tanto o Grupo Operativo como a Ciência do Sentir vão trabalhar dois aspectos em comum: as interações e a mudança de paradigma.

É pela interação que se dá a ressonância entre as pessoas nos papéis que cada uma delas desempenha no grupo, e está diretamente ligada à mudança de paradigma, que seria a tarefa do grupo operativo.

Para Joel A. Barker, em *Discovering The Future*, um novo paradigma seria o Ponto Zero, no qual o indivíduo abandona um modelo, um conhecimento antigo para reconstruir o conhecimento, ir a uma nova direção, começar de novo e modificar a sua própria realidade.

Ou seja, o indivíduo abandona um papel que desempenhava no grupo para assumir um novo papel no mesmo, e com isso novas vibrações surgem, o indivíduo encontra dentro do grupo um outro corpo com a mesma frequência.

Essa nova ressonância surge da tensão gerada pela ressonância anterior. Tensão essa que propiciou o movimento de mudança.

Concluimos então que no grupo, a relação entre os seus membros ativa e desativa aspectos internos através da frequência vibracional.

É um processo difícil, e o terapeuta vai ser fundamental, pois sua tarefa é identificar e trabalhar os papéis do grupo durante todo processo.

A mudança implica na desconstrução de uma forma estereotipada de funcionamento, e isso gera o surgimento dos medos básicos de perda e ataque, ansiedades depressivas e persecutórias que podem ser obstáculos no processo de mudança.

O indivíduo não se reconhece, tem dificuldade de sair da zona de conforto e de bem-estar.

Sem mudança há a estagnação, ou seja, o indivíduo termina exatamente de onde partiu. Como somos estruturas sociais, culturais e psíquicas, essa resistência à mudança, vai depender de indivíduo para indivíduo, cada um tem o seu tempo. “Não somos o que pensamos ser”.

No grupo, a relação entre os seus membros ativa e desativa aspectos internos através da frequência vibracional.

“O sujeito modificando-se a si mesmo para modificar o meio. Esse sujeito transforma-se em um agente de mudanças modificadas”.

Esse processo se dá no grupo Operativo tem três etapas: pré-tarefa, tarefa e projeto.

Em qual dessas etapas estão a interação e a mudança de paradigma?

Eles estão na tarefa.

- É na pré-tarefa que está a resistência à mudança; nesta etapa se observa o grupo, suas ansiedades, e medos frente ao desconhecido, que dificultam entrar na tarefa. Há uma dissociação entre o agir, sentir e pensar.

- É na tarefa que está o Ponto Zero de Barker, e a mudança de paradigma, ou seja, a desconstrução de um conhecimento, a interação e ressonância entre os membros do grupo, e finalmente a mudança; que se dá através da resolução e elaboração do denominador comum da ansiedade do grupo. A partir daí o grupo é capaz de administrar e significar o sentir. Há a integração do pensar, sentir e agir.

- O projeto é o que vem da tarefa e permite o planejamento do futuro. O grupo planeja suas ações futuras.

Conclusão:

Podemos concluir que interação, ressonância, sentir, movimento, mudança e transformação são fundamentais para o processo de evolução do indivíduo em todos e diferentes momentos da sua vida, e tudo começa pela interação porque somos um complexo vibracional macromicro.

BIBLIOGRAFIA:

- BREVES, Beatriz. O Homem Além do Homem: Uma visão do ser humano a partir da Ciência do Sentir. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2001.
- COSTA, Andreia A. História da Técnica dos Grupos Operativos.
- IZIQUE BASTOS, Alice Beatriz. A Técnica de Grupos- Operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. São Paulo, 2010.
- OSÓRIO, Luiz Carlos et all. Grupoterapia Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. Grupos: Teorias e práticas. Acessando a Era da grupalidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ZIMMERMAN, David E. OSÓRIO, Luiz Carlos et all. Como Trabalhamos com Grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.